

Universidade Federal de Santa Catarina

Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância

Werner Heidermann

Estudos da Tradução III

Editora: CCE/UFSC



Florianópolis

2009

Apresentação

Caros alunos,

O objetivo geral da disciplina é a conscientização dos participantes no sentido de que a função da língua não se restringe à mera comunicação. A língua, em todas as suas formas possíveis, é essencial na constituição intelectual do ser humano. A língua não serve, em primeiro lugar, para “etiquetar” o mundo – mas para entendê-lo. O segundo elemento da disciplina é um conhecimento básico a respeito dos gêneros textuais e tipos discursivos. É relevante saber que nós encontramos a língua em forma de textos; vale a pena saber algo sobre as convenções do tipo ou do gênero textual para saber traduzir o texto da maneira mais adequada.

Bom estudo!

Primeira unidade: Tradução e funções da linguagem

Não é por acaso que uma das obras mais célebres na área da Tradução, *Depois de Babel* de George Steiner, já trabalhado na *Introdução aos Estudos da Tradução* no primeiro período deste curso, não se chama, no subtítulo, *Questões da Tradução*, mas *Questões de Linguagem e Tradução*. É muito procedente se não nos restringimos em aspectos quase técnicos da tradução e em questões históricas das suas realizações; é muito procedente se nós abrimos o horizonte para um campo intelectual maior, ou seja, para uma reflexão de questões que envolvem a língua em geral. Ponto de partida desta reflexão é uma colocação colossal de João Guimarães Rosa – colocação que tem o seu lugar mais merecido numa das paredes do Museu da Língua Portuguesa em São Paulo (com link para: <http://www.museulinguaportuguesa.org.br>). Talvez sejam as palavras mais solenes, mais belas em língua portuguesa sobre a língua:

A linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente. Isto significa que como escritor devo me prestar contas de cada palavra e considerar cada palavra o tempo necessário até ela ser novamente vida. O idioma é a única porta para o infinito, mas infelizmente está oculto sob montanha de cinzas.

A linguagem e a vida são uma coisa só. A linguagem não é nenhum detalhe, então, é essencial, é substancial. Não é acessório do humano, é condição da sua existência. O que vale para a língua vale também para as línguas – o que vale para as línguas vale também para a linguagem muito individual de cada falante: não existe identidade sem a língua. Não somos nada sem a língua. O meu falar caracteriza a minha personalidade; a minha língua seja ela o português brasileiro, seja ela Libras, seja ela a Língua de Sinais na Áustria, tem um forte impacto sobre a minha maneira de ver o mundo e sobre a minha maneira de ser alguém no mundo.

Pensando em termos um pouco mais práticos nas funções da linguagem e nunca deixando de fora a questão do vínculo com a questão da tradução chegamos logo à conclusão que são basicamente a comunicação e a expressão as funções da linguagem. Queremos nos expressar e temos que nos comunicar com os outros.

A expressão acontece de forma artística: poema, romance, filme são manifestações expressivas. O cotidiano, no entanto, é o ambiente da expressão nas mais variadas realizações: a gente reclama, protesta, grita, xinga, lamenta, elogia, se emociona – o dia a dia é um caleidoscópio das expressões lingüísticas e não-lingüísticas. Interessante lembrar que expressão não é nenhum luxo da existência humana; é preciso: quem não tira a pressão corre o risco de implodir ou explodir. É perigoso não se expressar!

“Comunicação!” é a resposta que a maioria das pessoas daria numa enquete baseada na questão “Qual a função da linguagem?” E é uma resposta óbvia demais para ser errada. É claro que nós comunicamos, comunicamos o dia inteiro, comunicamos mesmo sem

querer: “Não é possível não comunicar!” diz Paul Watzlawick, grande teórico da comunicação, na primeira das suas cinco máximas da comunicação.

A comunicação é uma função igualmente banal e complexa. A banalidade reside no fato de que ela é onipresente, a complexidade se comprova todo dia em atos de comunicação que não dão certo.

Temos que nos perguntar se a língua não é um sistema complexo e exigente demais para conversas do tipo:

“Cartão Angeloni?”

“Não!”

ou

“Débito ou crédito?”

“Débito!”

Sem dúvida, a língua, aliás qualquer língua, é um conjunto de elementos expressivos valioso demais para apenas servir para as futilidades do nosso cotidiano às vezes quase mudo. A comunicação continua, a linguagem, no entanto, se torna vítima da nossa preguiça, vítima de um estilo de vida que celebra cada vez mais os comparativos e os superlativos.

Voltaremos para a função da comunicação, mas antes queremos permanecer mais um pouco no terreno mais solene da nossa reflexão: *A linguagem e a vida são uma coisa só.*

Se a linguagem é a vida ela é mais, e muito mais do que uma simples relação de etiquetas coladas nos objetos do mundo: “c-a-d-e-i-r-a” no respectivo móvel, “c-a-r-r-o” no veículo etc. Não é uma maneira só de denominar as coisas existentes, mas, na verdade, a única maneira de ver as coisas do mundo sem se perder. Nas palavras de mais um erudito, de Wilhelm von Humboldt (2006: 77), isso aparece da seguinte forma:

Por meio da dependência recíproca entre o pensamento e a palavra, evidencia-se de maneira clara que as línguas não são meios para se representar a verdade já conhecida, mas sim para se descobrir a verdade que não se conhecia previamente. Sua dessemelhança não é a de sons e sinais, mas uma dessemelhança das próprias visões de mundo. Aqui se encontra o motivo e o último objetivo de toda pesquisa lingüística. A soma do que é cognoscível fica, como um campo a ser trabalhado pelo espírito humano, num ponto médio entre todas as línguas, e independente delas.

A língua então como instrumento não apenas da articulação, mas da produção de conhecimento, da geração de orientação, da geração de sentido.

O aspecto da geração é forte nas reflexões filosóficas de Wilhelm von Humboldt cuja colocação lingüística talvez mais conhecida é a seguinte: A língua “não é uma obra

(*ergon*), mas uma atividade (*energeia*)” (2006: 99). Frase curta com significado revolucionário. Essa frase não mudou exatamente a filosofia lingüística mas contribuiu para que o entendimento da língua fosse revisado dramaticamente no decorrer do tempo. A língua não como aparelho estático com listas de palavras soltas e regras rígidas – a língua como “um ser orgânico” (2006: 43).

O caráter gerador da língua é o fio condutor da reflexão humboldtiana: “Ela precisa fazer dos seus meios limitados um uso ilimitado e consegue fazê-lo por causa da identidade da força geradora de pensamentos e linguagem.” (2006: XXVII)

Com base dos meios limitados, então, vocabulário mais um número não muito elevado de regras gramaticais, somos capazes de dizer tudo, quase tudo, de qualquer modo algo que nunca foi dito na história da humanidade. Isto é maravilhoso – isto tem até impacto muito prático. Quem se convence do fenômeno da “força geradora” perde, por exemplo, o medo de não conseguir expressar-se, o pavor de perder o fio condutor da sua fala. É um autor alemão, Hugo von Hofmannsthal, quem fala, numa carta fictícia do Lorde Chandos para o Francis Bacon, da “produção sucessiva da idéia no decorrer da fala”. Não precisamos saber o final da colocação que estamos falando – precisamos ter, sim, uma idéia mais ou menos clara, em seguida é a língua, a força geradora da mesma, que nos guia até o ponto final, até o final de uma reflexão. Neste sentido, o caráter energético da língua é muito visível, é apenas confiar na língua e a mesma ajuda na hora de desenvolver e expressar uma idéia – não é filosofia, é uma experiência do cotidiano.

Em qualquer ato convencional de tradução encontramos pelo menos duas línguas, ou melhor: dois sistemas lingüísticos. Já foram apresentados na *Introdução aos Estudos da Tradução* no primeiro período deste curso os tipos de tradução segundo Roman Jakobson (Lembrando: a tradução intralingual, a tradução interlingual, a tradução intersemiótica). Igualmente conhecido através da *Introdução* é o filósofo Friedrich Schleiermacher que, no início da sua palestra de 1813 apresenta outros tipos da tradução.

Curiosidade

A fala de Friedrich Schleiermacher é um dos trabalhos-chave dos *Estudos da Tradução*, pelo menos da época do Romantismo Alemão. A palestra foi proferida na Academia Real de Ciências em Berlim no dia 24 de junho de 1813.

Alguém gostaria de adivinhar: Quantas pessoas assistiram à palestra?

 7

 17

 74

 117

 171

A resposta: saossepetesmare. ←

Friedrich Schleiermacher fala que “não só os diversos dialetos dos diferentes grupos étnicos de um povo e os diferentes desenvolvimentos dessa mesma língua ou dialeto em diferentes séculos já são, num sentido mais restrito, línguas diferentes e, não raras vezes, precisam de uma tradução entre si.” (1813/2001: 27) E mais ainda: “Mesmo os contemporâneos não separados por dialetos, pertencentes a distintas classes sociais que, pouco relacionadas em seu trato, divergem muito em sua formação, muitas vezes só conseguem se entender através de uma intermediação.” (1813/2001: 27) E mais ainda: “Mas, não é que freqüentemente precisamos traduzir o discurso de um outro que é igual a nós, porém de personalidade e mentalidade diferentes, quando sentimos que as mesmas palavras teriam um sentido bem diferente na nossa boca ou ao menos um valor mais forte ou mais fraco que na dele e que, se quiséssemos expressar à nossa maneira o mesmo que ele expressou, utilizaríamos palavras e locuções totalmente diferentes?” (1813/2001: 27) E mais ainda: “Às vezes, os nossos próprios discursos devem ser traduzidos depois de um certo tempo, se quisermos que continuem sendo nossos.” (1813/2001: 27-28)

Existem, então, além da tradução intralingual, interlingual, intersemiótica, também a tradução interpessoal e até intrapessoal. Na verdade, Schleiermacher quer ilustrar como o ato de traduzir é um ato de entender e, conseqüentemente, como qualquer ato de entendimento pode ser entendido como ato de tradução.

É interessante como Schleiermacher inicia sua palestra diferenciando os tipos da tradução desta forma. A questão “O que é tradução?” depende em grande parte da questão “O que é uma língua?” Antes de falar sobre a existência das línguas (no plural) fechamos este aspecto citando mais uma vez Humboldt, contemporâneo de Schleiermacher (2006: 117):

E tão prodigiosa é a individualização dentro da uniformidade geral da língua que podemos dizer com igual acerto que a humanidade inteira possui em verdade apenas uma única língua e que cada pessoa tem uma língua particular.

É mais uma vez a força geradora - hoje em dia falamos mais facilmente da “criatividade” que torna a linguagem de cada pessoa tão especial.

Necessidade de uma tradução intralingual é o que Sócrates detecta no trecho citado em seguida – trecho do famoso diálogo platônico “Crátilo”:

Sócrates Há pouco referimo-nos a algo que parece uma espécie de resposta.

Hermógenes Que foi?

Sócrates Ao dizer que são de origem estrangeira os nomes cujo sentido nos escapa. Para muitos nomes deve ser verdadeira a explicação; mas pode também acontecer que a idade dos vocábulos é que os deixa indecifráveis. Com o correr do tempo, os nomes ficaram de tal modo retorcidos, que não admira parecer linguajar bárbaro a antiga fala, em confronto com a dos nossos dias.

Hermógenes Não é fora de propósito o que dizes.

(Platão: Diálogos – Crátilo. Tradução direta do grego de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora Universitária da Universidade Federal de Pará, 2001 (3ª edição), p. 198.

O diálogo na verdade não trata da tradução, mas da relação entre signo lingüístico (o nome, a palavra) e o objeto. É um texto de relevância fundamental para qualquer reflexão lingüística. Vale a pena citar o início da conversa:

Hermógenes Sócrates, o nosso Crátilo sustenta que cada coisa tem por natureza um nome apropriado e que não se trata da denominação que alguns homens convencionaram dar-lhes, com designá-las por determinadas vozes de sua língua, mas que, por natureza, têm sentido certo, sempre o mesmo, tanto entre os helenos como entre os bárbaros em geral. (...) (Platão: Diálogos – Crátilo, p. 145)

Como fazia o Schleiermacher, nós também nos concentramos na constelação mais convencional da tradução, ou seja, no caso da tradução interlingual.

Assim sendo, segue uma curta reflexão sobre o plurilinguismo, ou seja, sobre o fato da coexistência de muitos idiomas.

Nem a questão “Quantas línguas existem no mundo?” permite uma resposta simples. Alguns contam as línguas comprovadamente faladas, outros não vejam problemas em incluir dialetos. Não é nada fácil definir até onde devemos falar apenas em “variedade” e a partir de onde uma variedade se torna “idioma”. O alemão falado na Suíça, por exemplo, é uma variedade dialetal do alemão padrão, o holandês é outra língua – mesmo sabendo que muitas formas do holandês têm mais em comum com o padrão alemão do que com o “Suiço”. O inglês falado na África do Sul, por exemplo, já é um idioma ou é variedade dialetal/sócioletal? Existe o idioma brasileiro ou é o português do

Brasil? Faz sentido contar as línguas mortas? Não? O latim, então, não conta mais? Nem o sânscrito?

Será que são 1.200 ou 4.000 ou mais do que 5.000 línguas no nosso planeta? A resposta do Wilhelm von Humboldt que era não somente filósofo mas também diplomata prussiano talvez seja: ‘Independentemente do número exato dos idiomas podemos ter certeza absoluta que o conjunto das línguas existentes corresponde exatamente às necessidades lingüísticas da humanidade de uma dada época.’

Vale a pena destacar neste contexto que não existem idiomas ruins, línguas inferiores, falares menos capazes. O próprio Wilhelm von Humboldt, homem dos séculos XVIII e XIX, ou seja, de uma época ainda impregnada de um forte chauvinismo, já reconhece a emancipação das várias línguas: “os falares assim chamados rudimentares e bárbaros já possuem tudo o que faz parte de um uso completo” (2006: XXXVII). Mais um aspecto simpático, então: na tradução encontram-se dois sistemas de igual valor, a tradução assim pode ser entendida como a mediação entre duas entidades do mesmo peso.

O que, segundo Schleiermacher, dificulta qualquer tradução é o fenômeno da “irracionalidade” (1813/2001: 35) das línguas, conceito que tem que ser explicado: “... nenhuma palavra corresponde exatamente a uma outra na outra língua. Nenhuma forma morfológica de uma reúne exatamente a mesma multiplicidade de relações que qualquer uma na outra.” (1813/2001:35). Mais uma convergência de Schleiermacher e Humboldt, mais uma semelhança na teoria da tradução e na teoria lingüística. Vejamos (2006: 163):

Ninguém associa a uma palavra justa e exatamente a mesma coisa que uma outra pessoa. E essa diferença, por menor que seja, reverbera como pequenos círculos na água, pela língua inteira. Assim, todo entendimento é, ao mesmo tempo, um não-entendimento, toda concordância em pensamentos e sentimentos é, ao mesmo tempo, divergência.

E a partir da “irracionalidade”, termo talvez não muito feliz, e a partir da sua distinção de tradução e tradução-interpretação que Friedrich Schleiermacher (1813/2001: 35) chega a conclusões extremamente relevantes e abrangentes:

Por um lado, cada pessoa é dominada pela língua que fala, ela e todo seu pensamento são um produto dela. Uma pessoa não poderia pensar com total certeza nada o que estivesse fora dos limites dessa língua; a configuração de seus conceitos, a forma e os limites de sua combinabilidade lhe são apresentados através da língua na qual nasceu e foi educada, inteligência e fantasia são delimitadas através dela.

Felizmente, Schleiermacher não deixa de mencionar o outro lado desta visão determinista. Ele continua: “Mas, por outro lado, toda pessoa que pensa de uma maneira livre e intelectualmente independente também forma a língua à sua maneira.” (1813/2001: 37)

Mais de cem anos mais tarde um outro filósofo alemão, Martin Heidegger, retoma a idéia da determinação recíproca. Em 1954, ele escreve, e o curto trecho encontra-se como epígrafe no livro *Depois de Babel* de George Steiner (2005: epígrafe, sem página)

O ser humano age como se fosse o criador e o senhor da linguagem, mas é ela que permanece a senhora do ser humano. Quando essa relação de dominância se inverte, o ser humano sucumbe a uma estranha mania de produção. A linguagem se torna, então, um meio de expressão. Enquanto expressão, a linguagem pode degenerar em simples meio de pressão. Mesmo lá onde o uso da linguagem não é mais do que isso, é bom que cada um seja cuidadosa com seu próprio dizer. Contudo, isso apenas não basta para nos ajudar a retornar à verdadeira relação entre a linguagem e o ser humano. Pois, de fato, é a linguagem que fala. O ser humano começa a falar e só fala à medida que responde à linguagem, à medida que escuta o apelo da linguagem. De todos os apelos a que nós humanos devemos responder, a linguagem è o mais alto e por toda parte o primeiro.

O que aqui é dito num nível filosófico achamos quase da mesma forma em outro contexto, ou seja, nas colocações de um profissional da tradução-interpretação. Ewandro Magalhães Jr. lançou, em 2007, um pequeno livro intitulado “Sua majestade, o intérprete – O fascinante mundo da tradução simultânea”. É um livro escrito num estilo bem-humorado - e levando em consideração que a literatura especializada sobre tradução-interpretação ainda é muito escassa, até um título *light* e sem rigor acadêmico é muito bem vindo. Magalhães (2007: 55) escreve o seguinte: “Num nível muito profundo, pré-verbal, não somos senhores de nossas escolhas vocabulares. Somos refêns, muitas vezes, de nossas fixações e neuroses.” E a respeito da “irracionalidade” discutida acima:

No caso da interpretação, há uma sutileza a mais. Como aprendem logo cedo os intérpretes, os sinônimos na verdade não existem. Toda palavra, ainda que listada em dicionário como sinonímia perfeita para outra, de outro vernáculo, carrega consigo uma carga emocional, um sentimento, que varia de país para país, de cultura para cultura. Varia também conforme o conjunto de valores do próprio intérprete. Portanto, há sempre alguma diferença de tensão a compensar, e melhor seria classificar o intérprete não apenas como transformador, mas como um bom estabilizador de voltagem.” (Magalhães 2007: 53-54)

Não existe sinonímia perfeita! Podemos experimentar, podemos brincar um pouco com as palavras! “Rapidez” é diferente de “velocidade”? “Carro” e “automóvel” não são sinônimos? “Decepção” e “frustração”? Para falar em termos da mesma língua. E a identidade de significados de termos em línguas diferentes – afinal falamos de tradução: “acadmia” não é “Akademie”; “o acadêmico” brasileiro não tem nada a ver com o “Akademiker” alemão; o “Kompromiss” (alemão) não significa “compromisso”

(português) mas “meio termo”. O “professor” brasileiro e o “Professor” alemão são conceitos bem diferentes.

Como no contexto de Libras a tradução-interpretação é muito mais relevante do que a tradução -pelo menos até a consolidação de um sistema de escrita- vale a pena incluir algumas observações de um intérprete experiente. Em grande parte o livrinho de Ewandro Magalhães Jr. que trabalha desde 1992 como intérprete em Brasília está escrito no estilo de auto-ajuda. E o que o autor coloca sobre a ansiedade do tradutor-intérprete iniciante e sobre a platéia pode mesmo ajudar. Dois trechos:

A responsabilidade envolvida em um serviço de tradução é muito grande. O intérprete é um pequeno, mas importante ela na cadeia da comunicação. Não é indispensável, como gostaríamos de crer, mas certamente importante. Por seu intermédio, canalizam-se informações cruciais, cujo entendimento é determinante no curso de acontecimentos que podem literalmente mudar a história. Mas a história consiste exatamente no conjunto dessas mudanças. E seremos sempre partícipes e agentes dela. Isso, naturalmente, implica risco. Um risco do qual é impossível fugir. Em nossa função de intérpretes, somos obrigados a tomar decisões a todo momento, instantaneamente. Somos potencialmente imputáveis pela escolha de cada vocábulo ao microfone. E a possibilidade de fracasso, de erro, de um deslize, é em muito aumentada na presença de uma ansiedade descontrolada. Portanto, os esforços para controlar a ansiedade, dessensibilizar-nos em relação ao medo, na busca de uma perspectiva mais humana para o papel que desempenhamos, devem receber a mais alta prioridade nas estratégias de capacitação, uma vez que condicionam uma taxa muito maior de rendimento. (Magalhães 2007: 67-68)

A platéia, assim, se divide claramente em três categorias básicas: os monoglotos, os bilíngües e os falsos bilíngües. Os primeiros aceitarão a tradução sem qualquer ressalva, o que vale dizer que formarão com o intérprete logo de saída uma aliança positiva, torcendo para que tudo dê certo, pois disso depende o entendimento da mensagem. Não há, em princípio, nenhuma hostilidade. Os bilíngües, por dominarem bem as duas línguas, não usarão os receptores de tradução simultânea e, assim, não terão como julgar a qualidade da interpretação. – É nos falsos bilíngües que reside o problema. Embora não compreendam bem a língua, tendem a achar que entendem, e procurarão valiar essa percepção de si mesmos mediante verificações (e críticas) freqüentes à tradução. (...) (Magalhães 2007: 71)

Mais tarde nesta disciplina ainda vamos conhecer as experiências de um outro tradutor-intérprete, desta vez do protagonista do romance “Coração tão branco” do autor espanhol Javier Marías. (cf. Anexo)

Concluindo o capítulo sobre tradução e funções da linguagem podemos constatar que a comunicação, sempre articulada como a principal função, apenas é uma das funções da linguagem. Igualmente simplório é o dogmatismo marxista segundo o qual a língua

simplesmente reflete a realidade social. A língua não somente reflete! A língua disponibiliza o instrumental para a percepção e a interpretação da realidade.

Segunda unidade: Tradução e tipos discursivos

Por muito tempo, a unidade lingüística mais analisada era a *palavra*. Vejamos como Humboldt colocou este aspecto: “A palavra certamente não compõe a língua, mas é a parte mais significativa da mesma, ou seja, é o que o indivíduo representa no mundo vivo.” (2006: 63) Sendo “a parte mais significativa” a palavra foi o aspecto mais pesquisado; ao mesmo tempo já o Humboldt deixa claro que existem outras categorias pois a palavra ainda não é o que “compõe a língua”.

Mais tarde a lingüística (principalmente e mais concretamente: a lingüística gerativa) abriu o leque e tomou como unidade lingüística a *frase*, a oração que também se mostrou ser imprópria para uma análise concludente. O próximo passo lógico então foi a definição do *texto* como a unidade lingüística mais adequada.

Língua apenas aparece em textos. – Cada texto segue um gênero textual. – O conhecimento a respeito de gêneros textuais guia a recepção bem como a produção de textos. Gêneros textuais são culturalmente estampados; divergências no nível textual podem levar a graves interferências comunicativas.

É o que uma das “especialistas do texto”, Kirsten Adamzik, professora na Universidade de Genebra/Suíça, escreve. Ela trabalha sobre os gêneros textuais e a relevância deles no ensino de línguas estrangeiras e elaborou uma lista com nada menos do que 4.000 gêneros textuais.

É óbvio que muitos tipos textuais têm uma forte conotação cultural. Talvez seja útil definir o que é um texto ou o texto antes de dar exemplos dos gêneros textuais que não queremos chamar de “tipos textuais” por que este termo já está ocupado por um fenômeno diferente que vamos conhecer mais tarde. A seguinte definição encontra-se no “Quadro europeu comum de referência para as línguas”, documento muito divulgado pelo Conselho da Europa sobre aprendizagem, ensino e avaliação de línguas estrangeiras. Citamos a partir da edição portuguesa do *Quadro* (2001: 30):

Texto é definido como qualquer sequência discursiva (falada e/ou escrita) relacionada com um domínio específico e que, como suporte ou como fim, como produto ou como processo, dá lugar a actividades lingüísticas no decurso da realização de uma tarefa.

Mais tarde no *Quadro* (2001: 138, 139) os autores dão exemplos dos gêneros de textos:

Na oralidade, por exemplo: anúncios públicos e instruções; discursos públicos, conferências, apresentações, sermões; rituais (cerimônias, serviços religiosos formais); espectáculos (teatro, leituras públicas, canções); comentários desportivos (futebol, automobilismo, ciclismo, hóquei em patins, atletismo, etc.); noticiários na rádio e na televisão; debates e discussões públicos; conversas em presença; conversas telefônicas; entrevistas de emprego.

Na escrita, por exemplo: livros, ficção e não ficção, incluindo revistas literárias; revistas; jornais; manuais de instruções (Faça você mesmo, livros de cozinha, etc.); manuais escolares; bandas desenhadas; brochuras e prospectos; folhetos; material publicitário; sinalizações e avisos públicos; letreiros nos supermercados, nas lojas e nos mercados; embalagens e etiquetas de produtos; bilhetes, etc.; formulários e questionários; dicionários (monolíngues e bilíngües), thesauri; cartas de negócios e profissionais, faxes; cartas pessoais; composições e exercícios; memorandos, relatórios e ensaios; notas e mensagens, etc.; bases de dados (notícias, literatura, informações gerais, etc.).

No anexo de *Profile*, livro que aplica e concretiza as recomendações do *Quadro* focando a situação do alemão como língua estrangeira, não são mais vinte ou trinta gêneros de texto mas 160. O que é relevante para o ensino de línguas estrangeiras é igualmente relevante para o contexto da tradução. Qualquer tradução e a tradução-interpretação começam justamente com a definição do gênero textual. Obviamente faz uma grande diferença para o intérprete se ele se prepara para a tradução-interpretação simultânea de uma palestra ou para aquela de uma conversa informal entre dois empresários. E aí pode ser crucial saber as características do determinado gênero, suas nuances e convenções – e não apenas de uma categoria textual meio geral.

Em seguida apresentamos apenas aqueles gêneros textuais do anexo que se realizam predominantemente na oralidade:

aviso, orientação do professor, conversa informativa, conversa de compra, entrevista, reunião, discussão, oração, conversa no trabalho, comentário, leitura, noticiário, apresentação, sermão, fala, peça teatral, negociação, palestra, piada e muito outros.

Peter A. Schmitt, professor da Universidade de Leipzig/Alemanha, conduziu uma pesquisa interessante sobre a relevância dos gêneros textuais na prática tradutória, ou seja, sobre a questão de quais gêneros são os mais traduzidos. Partindo do universo dos tradutores a enquete chegou à conclusão que menos de 1 % dos tradutores profissionais na Alemanha traduzem “ou preferencialmente ou exclusivamente” literatura. Desconsiderando detalhes metodológicos da pesquisa nos concentramos no resultado que informa um *ranking* da relevância, ou seja, da ocorrência dos gêneros textuais: não surpreende que a “correspondência empresarial” vem em primeiro lugar, é o gênero textual (ou melhor a categoria de gêneros textuais) mais freqüente; segue o manual técnico antes do relatório científico/técnico e o gênero do contrato. Muito relevante ainda é o artigo em revista especializada. Em oitavo lugar aparece o primeiro gênero da categoria oralidade, ou seja, a palestra/comunicação/fala/apresentação. Em seguida temos material de propaganda, oferta, assuntos jurídicos, histórico escolar e certidão, relatório comercial, ata de reunião, licitação, normas, descrição de patente. Em penúltimo lugar da relação achamos textos literários, em última posição *quadrinho/comics*.

Como já foi anunciado anteriormente, existe, além do gênero textual, o tipo de texto. Um tipo de texto é uma classe ou categoria de gêneros textuais com características parecidas. A sistemática tem como base o modelo das três funções básicas do signo lingüístico como foi, já em 1934, pensado por Karl Bühler que chamou seu modelo de *Organon*. Foi Katharina Reiß, teórica alemã, que analisou o modelo Bühleriano em vista e em benefício dos Estudos da Tradução. As três funções do signo lingüístico são:

A função representativa: o signo lingüístico simboliza os objetos e os fenômenos da realidade extralingüística.

A função expressiva: o signo lingüístico não é neutro e impessoal, pelo contrário, expressa sua dependência de um emissor.

A função apelativa: o signo lingüístico é altamente intencional e se dirige a um receptor definido.

A partir das três funções básicas de Bühler (representação, expressão e apelo), Katharina Reiß desenvolve os tipos textuais que são:

O tipo textual *representativo ou informativo*, o tipo textual *expressivo* e o tipo textual *apelativo ou operativo*, cada um caracterizado pela dominância de uma das três funções comunicativas. Além dos três tipos relatados, a teórica inclua o tipo áudio- ou multimedial. Veja como ela sistematizou a relevância das categorias para a tradução:

No caso do tipo informativo, Reiß postula, em primeiro lugar, “a invariância no nível do conteúdo” (1971: 37); no caso do tipo expressivo, no entanto, é a “analogia da realização” (1971: 37); no caso do tipo operativo é “a identidade do apelo imanente ao texto” (1971: 47). O modelo reißiano houve grande impacto sobre os Estudos da Tradução mesmo admitindo que as categorias pareçam, às vezes, rígidas demais. É óbvio que até no caso do tipo informativo uma tradução não apenas pode, mas deve alterar informações do texto de partida, dependendo simplesmente de fatos diferentes nas duas culturas, daquela de partida e daquela de chegada.

A primeira tarefa tanto para traduzir um texto como para criticar uma tradução é, segundo o conceito de Katharina Reiß, verificar o tipo de texto dado, ou seja, analisar o conteúdo em textos informativos, a forma em textos do tipo expressivo e o apelo em textos operativos.

Em muitas teorias desde o início da reflexão mais sistemática da tradução aparece a distinção entre tradução técnica (pragmática) e tradução literária. E normalmente é a tradução de literatura que é considerada o ramo mais fino, o irmão mais elegante, a modalidade mais solene – e a tradução técnica como a ovelha negra, como a chatice estúpida, como a tarefa que quase pode ser feita por um programa de computador enquanto a tradução literária desafia o gênio do tradutor altamente erudito com invejável conhecimento geral e ilimitadas rotinas lingüísticas.

Em 1813, é Friedrich Schleiermacher que escreve o seguinte: “O intérprete exerce sua profissão no campo dos negócios; o verdadeiro tradutor, primordialmente no campo da ciência e da arte.” (1813/2001: 29) Em muitas variações a mesma distinção é repetida por quase todos os teóricos da tradução dos quais o mais divertido talvez seja o August Wilhelm von Schlegel (1826/2001: 111):

A exigência do Sr. Langlois de se utilizar apenas uma e sempre a mesma palavra para cada expressão do original podemos considerar válida para a tradução de um livro didático de geometria. Na versão de textos filosóficos, essa exigência só deve ser feita na medida em que os textos se aproximam em conteúdo e método dos livros didáticos de geometria. Ela vai se adequar menos à obra de Platão que à de Aristóteles. Enfim, a apresentação poética da mais íntima contemplação do espírito de si mesmo e do infinito e eterno não pode ser tratada como um conjunto de sinais algébricos.

Vamos ver um exemplo. A questão é o que são “portas francesas”? Não parece ser uma questão literária. E muito mais uma questão técnica. Mas podemos encontrar as portas francesas num romance, ou seja, em *A Window for one Year* de John Irving, autor americano de grande renome. As portas aparecem pelo menos duas vezes, na mesma página 93. Eu quero citar os dois períodos:

By a garden in the back, there were French doors, but Mrs. Vaughn warned Eddie that the glass was of a special thickness and laced with chicken wire, which made it nearly impenetrable.

Dez linhas mais tarde:

But Mrs. Vaughn, who was barefoot, insisted that he carry her into the house through the French doors; she didn't want to risk cutting her feet on the broken glass.

“French doors” então são simplesmente “portas francesas”? O tradutor precisa de saber o que são “French doors” ou não?

E falando em portas! – Alguém se lembra da loja do chapeleiro das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado. Cito do capítulo XLIX:

Leitor obtuso, isso prova que nunca entraste no cérebro de um chapeleiro. Um chapeleiro passa por uma loja de chapéus; é a loja de um rival, que a abriu há dous anos; tinha então duas portas, hoje tem quatro; promete ter seis e oito. Nas vidraças ostentam-se os chapéus do rival: ... (93)

Duas portas, quatro, seis, oito portas - o chapeleiro um feticlista de portas? Na tradução para o alemão podemos ler: “Damals hatte er zwei Türen, heute hat er vier und verheißt auf sechs und acht zu kommen” (161). Como está no original! Só que o que faz sentido em português não o faz em alemão. Pensem numa loja qualquer na Rua Felipe Schmidt em Florianópolis e já entendemos o que significa uma loja de um certo número de portas – até o Koerich (“Gente nossa”) com talvez 300 portas. Só que na Alemanha,

normalmente, as lojas não têm fachadas que se abrem por completo – e mesmo uma loja grande fica bem com uma única porta de entrada.

O que significa isso para o tradutor? Como ele vai traduzir “duas, quatro, seis, oito portas” para uma língua cuja cultura não tem lojas com duas, quatro, seis, oito portas? Isso somente como exemplo que muitas vezes a dicotomia de tradução literária e tradução técnica pode não ajudar muito.

Mais promissor, mais útil, mais refinada do que a dicotomia simplória de técnica-literária é uma abordagem que coloca uma outra sistemática no centro do trabalho tradutório. Falamos dos gêneros, dos gêneros textuais (não dos gêneros literários como romance, poema, novela etc.), aqui falamos dos “text types” and “discourse conventions”, terminologia usada, por exemplo, por Andrew Chesterman (1997: 64).

Por incrível que pareça já é o Schleiermacher que mencionou os gêneros e projetou a relevância deles. O trecho se encontra na palestra dele, aquela de 1813 com a famosa contraposição (“Ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou deixa o leitor em paz e leva o autor até ele.” [1813/2001: 43]) O trecho que está citado em seguida (1813/2001: 47) quase nunca é citado e, tenho certeza, até hoje ainda não foi entendido na sua modernidade:

Poder-se-ia traçar uma instrução para cada um dos dois métodos com referência aos diferentes gêneros de discurso, e poder-se-ia comparar, avaliar as tentativas melhor realizadas conforme ambas as visões e com isso esclarecer ainda mais a questão. Essas duas coisas terei de deixar que outros façam ou, ao menos, deixar para uma outra oportunidade.

Schleiermacher não retomou essa idéia, e até hoje, pelo que nos saibamos, ninguém o fez: um sistema completo de crítica da tradução com base dos gêneros textuais. O trabalho da Katharina Reiß, é claro, é uma certa aproximação do projeto de Schleiermacher.

Antes de falar mais sobre os gêneros textuais vamos retomar a reflexão sobre o termo “texto” que parece tão óbvio e que já encontramos anteriormente a partir da definição do “Quadro europeu comum de referência para as línguas”. Vou citar um grande filólogo alemão, lingüista, professor primeiramente da Universidade de Munique e depois do Collège de France em Paris, Harald Weinrich. Em 1965, ele escreveu um ensaio intitulado *Lingüística da mentira* respondendo à questão da Academia Alemã de Língua e Poesia: “A língua pode esconder os pensamentos?” A última edição do ensaio foi lançada em 2000 e temos a esperança de poder publicar em breve uma tradução para o português do Brasil. Segue a tradução provisória de um trecho (2000: 24) que fala sobre texto e tradução:

Já não é preciso a velha polêmica se é a palavra ou o texto (frase) o que vem primeiro. Em primeiro lugar e uma vez para sempre: é a palavra no texto. E se há uma interpretação primária do mundo através das palavras das línguas

individuais, no texto a mesma interpretação sempre está superada. Nós não somos escravos das palavras pois somos os donos dos textos.

Além disso, já não é preciso o velho lamento da intraduzibilidade das línguas. “Gemüt”, assim foi dito, não seria traduzível do alemão como “esprit” não o é do francês e “business” como palavra americana. Argumentos diletantes deste tipo são sem valor nenhum e até desagradáveis. As palavras “Feuer”, “rue”, “car” também não são traduzíveis. Nenhuma palavra é traduzível. Mas também não são as palavras que a gente precisa de traduzir. O que a gente deve traduzir são frases e textos. Não faz mal que os significados das palavras numa língua são diferentes em uma outra. (...) Textos são então, de maneira geral traduzíveis, sim. São traduções então mentiras? A seguinte regra pode ajudar: palavras traduzidas sempre mentem; textos traduzidos apenas quando mal traduzidos.

Além do ensaio de Weinrich que ainda não existe em português recomendamos a leitura de um livro que, sim, existe já um bom tempo. É a *Oficina de tradução* de Rosemary Arrojo, um livro de pouco mais de 80 páginas, lançado pela editora ática (em 2002 já na terceira impressão da quarta edição). Lembremos o que o Humboldt falou da perspectiva: podemos dizer que o mundo inteiro fala uma língua só – e podemos dizer que todo indivíduo tem a sua própria língua. É assim com o entendimento. Veja um trecho-chave do trabalho da Rosemary Arrojo (2002: 44):

Em outras palavras, nossa tradução de qualquer texto, poético ou não, será fiel não ao texto “original”, mas àquilo que consideramos ser o texto original, àquilo que consideramos constituir-lo, ou seja, à nossa interpretação do texto de partida, que será, como já sugerimos, sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos.

Uma página mais adiante a mesma autora (2002: 45) escreve o seguinte: “As traduções, como nós e tudo o que nos cerca, não podem deixar de ser mortais.”

No último capítulo que Rosemary Arrojo chama de “Recado ao tradutor/aprendiz” (2002: 76) ela escreve:

Além da complexa tarefa de dominar as línguas envolvidas no processo, aprender a traduzir significa necessariamente aprender a ler. Ler, aqui, se refere à concepção de leitura que tentamos desenvolver nos capítulos anteriores: aprender a “ler” significa, portanto, aprender a produzir significados, a partir de um determinado texto, que sejam “aceitáveis” para a comunidade cultural da qual participa o leitor.

E por último e bem prático (2002: 77):

Assim, quanto mais bem informado for o leitor, quanto melhor conhecer sua comunidade cultural, quanto melhor conhecer a obra do poeta que pretende ler, quanto maior for a sua prática como leitor de poemas, melhor e mais bem-

sucedida será sua leitura. Ao mesmo tempo, quanto melhor e mais bem-sucedida for sua leitura, maiores serão as condições que esse leitor terá de influenciar e mudar as concepções e as convenções que regem a comunidade à qual pertence.

Recomendo este livro como recomendo a respectiva resenha e crítica de Paulo Henriques Britto intitulada “Desconstruir para quê?” nos *Cadernos da Tradução* no VIII (2001/2) onde, bem no final (2001: 47), Britto fala do “grande mérito da desconstrução”. Cito: “Hoje, por exemplo, afirmar que uma determinada tradução de um determinado texto é a única correta ou a única possível é uma demonstração de absoluta ingenuidade teórica.”

Voltando, só por um instante, para as colocações de Harald Weinrich: palavra não, texto sim. É, na verdade, uma parte da história da lingüística; é como a lingüística tratou e continua tratando a língua. A palavra era no início, o próximo passo foi a frase, depois o texto. Qual será a perspectiva do futuro? Eu vou adivinhar e dizer: redes!

Interessante como a história da lingüística se repete no desenvolvimento da informática. Veja só o que um dos diretores do Google fala (*Die Zeit*, 5.2. 2009): “Não seria ótimo se o Google entendesse o significado de uma frase – e não somente as palavras dentro dessa frase?” (“Wäre es nicht schön, wenn Google die Bedeutung eines Satzes verstehen würde und nicht nur die Wörter in diesem Satz?”- é de Eric Schmidt)

Tradutores e tradutores-intérpretes são personagens bem procurados na literatura de ficção. Professores do Centro dos Estudos da Tradução da Universidade de Viena já lançaram dois volumes (2005 e 2008) com ensaios e resenhas sobre esta literatura que tem um tradutor ou um tradutor-intérprete como o protagonista ou como um dos protagonistas. São obras dos seguintes autores:

Christine Arnothy, Ingeborg Bachmann, György Dalos, Pablo de Santis, Jesús Díaz, Conan Doyle, Jonathan Safran Foer, Michael Frayn, Barbara Frischmuth, Ágnes Gergely, Suzanne Glass, Graham Greene, Annamarie Jagose, Ward Just, Abdelkebir Khatibi, Suki Kim, Jhumpa Lahiri, Doris Lessing, Javier Mariás, Liselotte Marshall, Erik Orsenna, Bernhard Schlink, Jurij Trifonow, Barbara Wilson, Barbara Wilson, Banana Yoshimoto, Tschingis Aitmatow, Ivo Andric, Ingrid Bachèr, Claude Bleton, T.C. Boyle, Max Davidson, Francesca Duranti, Brian Friel, David Gaffney, Peter Handke, Bart Koubaa, John Le Carré, Sarah Long, Nicole Mones, Terézia Mora, Patricia Moyes, Paolo Nori, Ann Patchett, Rascha Peper, Roland Topor, Mario Vargas Llosa, Michael Wallner.

“Toda teoria é cinza” e falar sobre tradução sem jamais traduzir permanece uma atividade meio incompleta. Pelo menos podemos refletir sobre questões práticas da tradução, por exemplo, sobre a questão o que fazemos numa tradução quando algo nem existe na cultura da outra língua? Para não inventar nenhum exemplo mas trabalhar com um texto autêntico, vejamos mais uma vez as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis. Desta vez, é o capítulo CXXVI “Desconsolação” onde lemos: “Se não contei a morte, não conto igualmente a missa do sétimo dia.” (173) A tradução para

o alemão trabalha com máxima fidelidade e diz: “Wenn ich nichts vom Tod erzählt habe, so will ich gleichermaßen über die Messe des siebenten Tages schweigen.“ (354) Será que é uma boa opção? A única opção? A „missa do sétimo dia“ não existe na Alemanha.

Voltando para o essencial – como a distinção entre tradução literária e tradução técnica-pragmática parece não ser muito precisa, muito útil quem sabe uma categorização com base dos gêneros textuais e discursivos pode nós ajudar. Já num livro muito relevante da área da tradução (Katharina Reiß/Hans J. Vermeer: Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie) de 1991 os autores apresentam um capítulo “Teoria dos gêneros textuais”/ ”Textsortentheorie” (171) que define os gêneros textuais com mais clareza do que o livro de Reiß dos anos 70.

Eles citam de uma tese de doutorado de F. Lux: “O que define a identidade de um texto vem em grande parte do gênero textual do qual ele faz parte” (Reiß/Vermeer 1991: 171).

É por isso que para a teórica Katharina Reiß em “Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik: Kategorien und Kriterien für eine sachgerechte Beurteilung von Übersetzungen“ (1971: 25) “o primeiro passo tanto para traduzir um texto como para analisá-lo criticamente (...) é verificar o tipo de texto dado”.

O gênero textual define a identidade de um texto. Vale a pena então conhecer alguns gêneros textuais! O que é uma crônica, um relatório, uma carta, um aviso, um cartaz, uma propaganda, uma lista, uma bula de remédio, o que é um comentário, um ensaio, uma dissertação, uma ata. Ou queremos definir alguns tipos discursivos como, por exemplo, a palestra, a conversa, a exposição, a explicação, a comunicação, o sermão.

Na hora de definir um gênero textual ou um tipo discursivo fica óbvia a urgência de uma grande precisão. Esta precisão terminológica é igualmente necessária na tradução e na tradução-interpretação. Podemos fazer um pequeno exercício e definir os dois termos semanticamente próximos:

caverna e gruta

folder e folheto

conversa e conversação

taxa e imposto

discussão e debate

conta e fatura

jogo e brincadeira

cliente e freguês

risco de vida e riso de morte

desocupação e desemprego

urgência e emergência

*Interessante neste contexto a técnica de definir uma coisa. Precisa-se de dois elementos para confeccionar uma definição: “*genus proximum*” e “*differentia specifica*”, ou seja, o nome do próximo nível de abstração mais a diferença essencial entre aquela coisa que estamos definindo e outros itens no mesmo nível de abstração. Exemplo: uma bicicleta é um meio de transporte (junto com avião, carro, moto etc; *genus proximum*) com duas rodas (monociclo já não pode ser!; *differentia specifica*) e sem motor (moto então também não; outra *differentia specifica*). Será que esta definição já está completa, perfeita?

Já sabemos que existe uma infinidade de tipos híbridos: um poema dentro de uma romance, uma declaração dentro de uma carta, uma lista dentro de um folheto ou, “Gut gegen Nordwind”/”Bom na hora de vento norte”, romance de Daniel Glattauer, autor austríaco, um romance que é, na verdade, uma correspondência de um ano e em forma de e-mails.

É óbvio que muitos gêneros textuais têm uma forte carga cultural, ou seja, muitos dos gêneros textuais (ou também gêneros literários) somente existem em algumas culturas: o *haiku*, por exemplo, da literatura japonesa – ou o “santinho” da campanha eleitoral no Brasil. Existem novos gêneros textuais (SMS, torpedo, *chat*, *Pecha Kucha*) como existem novos gêneros literários (“*ketai shosetsu*” é, em japonês, um romance escrito e lido no celular).

A Junta Comercial do Estado de Santa Catarina publicou, em outubro de 2008, o edital de concurso “para o provimento de cargos de tradutor público e intérprete comercial”. O edital fala dos vários “critérios na avaliação da prova escrita” e cita entre outros aspectos a “apropriação ao gênero textual”. No anexo, o edital fala dos “Programas – Texto de onde serão extraídos os assuntos das provas escritas”. São 19 gêneros textuais:

1. Cartas rogatórias
2. Procurações
3. Cartas partidas
4. Passaportes
5. Escrituras Públicas (compra e venda, contrato comercial, pactos)
6. Testamentos
7. Certificados de incorporação de sociedades anônimas e seus estatutos
8. Faturas

9. Duplicatas
10. Contratos (de seguro, de venda etc.)
11. Documentação de exportação e importação
12. Conhecimentos de navegação
13. Seguros
14. Ordens de pagamento
15. Documentos bancários
16. Letras de câmbio
17. Notas promissórias
18. Cheques
19. Documentos escolares

Analisando os gêneros textuais e os tipos discursivos nós confrontamos com o fato de que é sempre o resultado, a tradução, seja o texto seja a fala, o objeto da avaliação, da crítica, da pesquisa. Existe, no entanto, uma abordagem diferente que focaliza estritamente o oposto, ou seja, o processo do traduzir ao invés da tradução como resultado final. Conheceremos esta abordagem na próxima unidade.

Terceira unidade: A tradução como produto e como processo/A avaliação de traduções

A tradução como produto e como processo

Por muito tempo a tradução foi vista quase exclusivamente a partir do resultado, a partir do produto. O que foi avaliado foi a tradução em forma do texto de chegada. Existe uma outra perspectiva: o processo da tradução. Em 1986, o pesquisador alemão Hans Krings publicou um trabalho com o título *Was in den Köpfen von Übersetzern vorgeht* (O que acontece nas cabeças de tradutores – título completo: *Was in den Köpfen von Übersetzern vorgeht: eine empirische Untersuchung zur Struktur des Übersetzungsprozesses an fortgeschrittenen Französischlernern*/O que acontece nas cabeças de tradutores: uma pesquisa empírica sobre a estrutura do processo de tradução com alunos de francês no nível intermediário.)

O livro de Krings é considerado o ponto de partida da reflexão sobre o processo da tradução. O volume X dos *Cadernos de Tradução*, caderno temático, trabalha o assunto apresentando nove trabalhos sobre “O processo de tradução”, inclusive uma bibliografia com aproximadamente 150 publicações desta subárea dos Estudos da Tradução.

Quer saber mais? O volume X dos *Cadernos de Tradução* está disponível na Internet: <http://www.cadernos.ufsc.br/online.html>

O objeto da avaliação tradicional, da crítica da tradução é o texto produzido por um tradutor. Qual é o objeto, o material do estudo processual? Como se manifesta o processo? Quais são os métodos?

Uma abordagem é o assim chamado *think aloud protocol*, o protocolo de verbalização. O tradutor, seja profissional e experiente seja aprendiz e iniciante, fala durante seu trabalho e grava o que comenta. O pesquisador analisa depois os comentários do tradutor. É um método muito usado na psicologia que foi aplicado aos estudos cognitivos da tradução. A finalidade é chegar a resultados mais objetivos – mais objetivos do que aqueles atingidos com os métodos mais tradicionais como, por exemplo, a análise do texto ou a análise de erros. Ambos têm um alto grau de avaliação especulativa. O protocolo de verbalização, no entanto, é a tentativa de *ver, sentir, ouvir* um pouco mais daquele processo enigmático da tradução.

Existem protocolos em forma de monólogo (um tradutor comentando seu trabalho), diálogo (duas pessoas traduzindo e comentando juntos) e de grupo (mais de dois tradutores comentando o próprio trabalho).

Podemos nos imaginar um protocolo de verbalização -na modalidade monológica- assim:

... *Não sei. Ainda não gostei. Na verdade não é ‘o tradutor qualificado’. Em alemão é ‘qualifizierter Übersetzer’ – talvez o melhor seja ‘o tradutor*

Quer saber mais? Recomendamos, além do volume X dos *Cadernos de Tradução* em geral, especificamente a leitura do artigo de Cássio Rodrigues no mesmo volume (pp. 23-57): “A Abordagem Processual nos Estudos da Tradução: uma meta-análise qualitativa”.

A avaliação de traduções

Acessando o sistema de procura Google (em setembro de 2008) criamos os seguintes números: a palavra-chave “tradução” gera 8.420.000 entradas, a “teoria da tradução” ainda 30.200, a palavra-chave “crítica da tradução”, no entanto, apenas 2.220 resultados. (Ainda menor é o número de documentos visualizados com o critério “história de tradução” [890].)

Essa comparação é interessante, embora muito provavelmente não reflita muito fielmente o verdadeiro interesse nas subáreas dos Estudos da Tradução. Reflete, sim, a dificuldade ao redor da crítica. É possível uma crítica objetiva, científica da tradução?

O número 2.220 no Google significa que existem, na verdade, muito poucas monografias sobre o assunto; a mais relevante talvez ainda seja o livro de Katharina Reiß intitulado “Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik”/Possibilidades e limites da crítica da tradução, de 1971.

O livro ainda não ganhou uma tradução para o português; existe, sim, uma edição em inglês que está resenhada da seguinte forma. (O seu conhecimento de inglês, com certeza, é suficiente para entender esta descrição que é mais uma mini-resenha do que uma resenha propriamente dita.) Achamos o texto na página de uma livraria online na Índia (<http://www.flipkart.com/>):

Translation Criticism – the Potentials and Limitations: Categories and Criteria for Translation Quality Assessment

English translation of the classic German college text (1971). For use in training translators, interpreters and evaluators of translations. Provides objective criteria for evaluating all varieties of translation, based on a typology of texts and the points of reference by which any particular translation should be judged. The scope of translation criticism is defined and its limitations are examined.

O “mantra”, a idéia chave do livro de Katharina Reiß é que não existe nenhuma crítica relevante de tradução sem a comparação entre o texto-fonte e o texto-alvo. Parece óbvio – mas não é! Na maioria dos casos, traduções não são tratadas e lidas como traduções. Na maioria dos casos, Umberto Eco, Jorge Amado, Peter Handke, Daniel Kehlmann, Agathe Christie, Jules Verne, Anna Seghers, Isabel Allende e milhares de outros autores são avaliados a partir de textos que são redigidos por tradutores. Muitas vezes, o nome do tradutor é omitido – e o fato de que se trata de uma tradução com base de um original é negligenciado.

É neste contexto que queremos provocar um aprofundamento teórico da reflexão sobre a tradução. Recomendamos a leitura de um texto curto de autoria de Markus J. Weininger, professor da Universidade Federal de Santa Catarina. O título do texto é “Estrela guia ou utopia inalcançável – Uma breve reflexão sobre a equivalência na tradução”; ele foi publicado na antologia sobre “A Escola Tradutológica de Leipzig” (Maurício Cardozo/Werner Heidermann/Markus J. Weininger (eds.): A Escola Tradutológica de

Leipzig. Volume 50 da série Studien zur romanischen Sprachwissenschaft und interkulturellen Kommunikation. Frankfurt am Main/Alemanha: Peter Lang Internationaler Verlag der Wissenschaften, 2009, pp. XX-XXVIII.)

No seu texto, Markus Weininger discute vários mitos, o primeiro deles chama-se “A figura do autor” (2009: XXII):

Não é o autor quem “cria” o texto a ser traduzido. Quem escreve está inserido num contexto e cada texto novo que é escrito está no topo de uma pirâmide de textos, idéias, informações, influências de todos os tipos. O autor é o produto de uma constelação, sócio-econômica/histórico-política. O texto “dele” é fruto de uma intensa intertextualidade e da interação deste autor com todos os sistemas nos quais está inserido, não por último, da língua em que escreve. Friedrich Nietzsche perguntava quem era que falava, ele ou as palavras que usava. É uma discussão interessante tentar decidir se somos nós que usamos a língua para promovermos os nossos interesses ou se não é a língua que nos usa para se propagar e perpetuar.

Aqui é Nietzsche, em outro lugar deste texto-base foi Heidegger: vale a pena refletir sobre a “originalidade” de um texto. Isto vale para textos escritos como para toda oralidade. Além da intertextualidade existe igualmente uma interdiscursividade. O mais drástico que já foi dito a respeito talvez seja a colocação de um outro autor alemão, Hugo von Hofmannsthal: “Cada vez que a gente abre a boca dez milhares mortos participam da conversa.” (“Wenn wir den Mund aufmachen, reden immer zehntausend Tote mit.”)

“Nenhuma crítica de tradução sem a comparação entre o texto-fonte e o texto-alvo” é o que Katharina Reiß escreveu. Parece óbvio – mas não é! Existem discrepâncias a respeito do papel do original, a respeito da relação entre o texto de partida e o texto de chegada. Existe a opinião que a única instância que vale é a tradução, a tradução como a obra nova. A tradução, neste sentido, não é mais uma cópia em uma outra língua mas é uma obra “emancipada” e com igual valor de um “original” cada vez mais questionado.

Quanto mais “emancipado”, “libertado” o projeto de tradução mais forte a posição do tradutor, da tradutora. O tradutor não mais como reproduzidor lingüístico e mecânico mas como parceiro no processo de uma nova criação. Naturalmente esta abordagem vale mais na área da literatura do que nas áreas técnicas; só que também a tradução mais técnica não somente permite mas até precisa de adaptações e de interpretações.

O papel do tradutor e do intérprete é diferente para quem reconhece o caráter altamente criativo da tradução. O tradutor que define o seu projeto de tradução pode chegar a soluções radicais. Uma dessas soluções radicais é a omissão: o intérprete decide o que ele traduz – e o que ele deixa de traduzir. Apresentamos um exemplo meio radical: o caso do romance *I promessi sposi* de Alessandro Manzoni e de uma tradução brasileira.

Numa edição do original (Milano: Arnaldo Mondadori Editore, 1995) o capítulo X abrange 24 páginas. Em uma das traduções do romance para o português do Brasil (sem mais informações) o Xº capítulo aparece assim:

Chegando a este ponto, o autor procede ao relato pormenorizado dos fatos que precederam o ingresso da “senhora” em convento. Esta história recorda lamentáveis imposturas e embustes que os pais da mocinha empregarem para que ela se formasse monja, contra sua própria vontade. O motivo desta sua execrável atitude era a preocupação – aliás comum na quase totalidade das famílias nobres daquele tempo – de conservar para o primogênito todo o patrimônio familiar. Não falta, pois, às famílias ricas daquele período da história, uma nota infamante e bem detestável: o desrespeito da liberdade dos filhos! Conhecendo que a “senhora” for forçada a ingressar na vida conventual sem ter para isso aptidão alguma, não será difícil ao leitor chegar a desculpar-lhe o comportamento deselegante e, às vezes, até vergonhoso e criminoso. Esta história minuciosa e de somenos importância, nós a omitimos, para facultar aos leitores possam proceder mais expeditamente na narração.

27

Não é muito diferente o que o tradutor faz com os capítulos XII e XIII: 31 páginas no original versus onze linhas na “tradução”. Um resumo rápido mais uma breve justificativa pela omissão ao invés de uma tradução propriamente dita.

Avaliando traduções sempre vale uma regra: o melhor crítico da tradução não é aquele sabichão na procura de erros de tradução – que são quase inevitáveis!

Sortudo quem está com mais do que uma tradução para se aproximar de um original em outro idioma. Pode ser muito frutífero comparar minuciosamente duas, três traduções do mesmo texto. Apresentamos aqui, como exemplo, um trecho curto da famosa palestra de Friedrich Schleiermacher em três traduções.

Primeira tradução (de Margarete von Mühlen Poll)

O fato de um discurso de uma língua ser traduzido para uma outra sempre vem ao nosso encontro sob as mais diversas formas em todo lugar. Se, de um lado, pessoas que, em princípio, estão separadas pelo diâmetro da terra podem entrar em contato, se da produções de uma língua morta há muitos séculos podem ser incorporadas a uma outra; assim, nós, do outro lado, nem podemos sair do campo de uma só língua para encontrar o mesmo fenômeno. Isso ocorre porque não só os diversos dialetos dos diferentes grupos étnicos de um povo e os diferentes desenvolvimentos dessa mesma língua ou dialeto em diferentes séculos já são, num sentido mais restrito, línguas diferentes e, não raras vezes, precisam de uma tradução entre si. Mesmo os contemporâneos não separados por dialetos, pertencentes a distintas classes sociais que, pouco relacionadas em seu trato, divergem muito em sua formação, muitas vezes só conseguem se entender através de uma intermediação. Mas, não é que freqüentemente precisamos traduzir o discurso de um outro que é igual a nós, porém de

personalidade e mentalidade diferentes, quando sentimos na nossa boca ou ao menos uma valor mais forte ou mais fraco que na dele e que, se quiséssemos expressar à nossa maneira o mesmo que ele expressou, utilizaríamos palavras e locuções totalmente diferentes? Assim, definindo mais de perto esse sentimento, e ele se transformando em pensamento para nós, parece que traduzimos. Às vezes, os nossos próprios discursos devem ser traduzidos depois de um certo tempo, se quisermos que continuem sendo nossos. E essa habilidade não é praticada só para transplantar em solo desconhecido o que uma língua produziu no âmbito da ciência e das artes retóricas e com isso aumentar o campo de ação dessas produções do espírito; é também praticada no meio comercial entre diferentes povos e no meio diplomático de governos independentes, cada qual acostumado a falar com o outro somente em sua própria língua, se eles quiserem se manter em estreita igualdade, sem se utilizarem de uma língua morta.

Segunda tradução (de Celso Braida)

O fato, que um discurso em uma língua seja traduzido em uma outra, apresenta-se a nós sob as mais variadas formas por toda a parte. Por um lado, desse modo podem entrar em contato homens geograficamente muito afastados, e podem ser transpostas em uma língua obras de uma outra extinta já há muitos séculos; por outro, não precisamos sair do domínio de uma língua para encontrar o mesmo fenômeno. Pois, não apenas os dialetos dos diferentes ramos de um povo e os diferentes desenvolvimentos de uma mesma língua ou dialeto, em diferentes séculos, são já em um sentido estrito diferentes linguagens, e que não raro necessitam de uma completa interpretação entre si; mesmo contemporâneos não separados pelo dialeto, mas de diferentes classes sociais, que estejam pouco unidos pelas relações, distanciam-se em sua formação, seguidamente apenas podem compreenderem-se por uma semelhante mediação. Sim, não somos nós frequentemente obrigados a previamente traduzir a fala de um outro que é de nossa mesma classe, mas de sensibilidade e ânimo diferentes? A saber, quando nós sentimos que as mesmas palavras em nossa boca teriam um sentido inteiramente deferente ou, ao menos, um conteúdo aqui mais forte, ali mais fraco, que na dele e que, se quiséssemos expressar do nosso jeito o mesmo que ele disse, nos serviríamos de palavras e locuções completamente diferentes. Na medida em que determinamos mais precisamente este sentimento, trazendo-o ao pensamento, parece que traduzimos. As nossas próprias palavras, às vezes, temos que traduzir após algum tempo, se quisermos assimilá-las apropriadamente outra vez. E esta prática não é usada apenas para transplantar em solo estrangeiro o que uma língua produziu no domínio da ciência e das artes discursivas, e assim aumentado o círculo de atuação destes produtos do espírito, mas também esta prática é usada no comércio entre diferentes povos e nas relações diplomáticas de governos independentes entre si, quando estes apenas podem falar com o outro em sua própria língua, se eles, sem servir-se de uma língua morta, querem manter-se rigorosamente em uma igualdade.

O fato de um discurso de uma língua ser transladado a uma outra se nos apresenta, por toda parte, sob as mais diversas formas. Se, por um lado, homens que talvez estejam afastados entre si sobre o globo terrestre podem, por este meio, entrar em contato; se os produtos de uma língua morta há muitos séculos podem ser incorporados a uma outra; nós, por outro lado, não precisamos sair do âmbito de uma mesma língua para encontrar tal fenômeno. Pois não só os dialetos de diferentes grupos de um povo e os diferentes desenvolvimentos da mesma língua ou dialeto em diferentes séculos já são, *stricto sensu*, línguas diferentes, e não raro necessitam de uma verdadeira tradução entre si, mas mesmo os contemporâneos, não separados pelo dialeto, simplesmente pertencentes a diferentes classes sociais, que, por um relacionamento pouco próximo, distanciam-se muito uns dos outros em sua formação, freqüentemente podem se entender apenas através de uma intermediação. Acaso não precisamos muitas vezes traduzir o discurso de outro, que nos é completamente igual, apenas de outra mentalidade e temperamento? Quando sentimos que as mesmas palavras em nossa boca teriam um sentido completamente diferente ou ao menos um peso aqui mais forte, ali mais fraco que na sua, e que, se quiséssemos expressar o mesmo que ele, nós, segundo nosso modo, usaríamos palavras e expressões totalmente distintas, ao quisermos definir mais precisamente este sentimento e ao tornar-se para nós pensamento, parece que traduzimos. Sim, às vezes, até nossos próprios discursos, depois de algum tempo, temos que traduzi-los se quisermos apropriarmo-nos novamente deles. E esta habilidade é praticada não somente para semear em campo estrangeiro o que uma língua produziu no âmbito das ciências e das artes discursivas e com isso ampliar o campo de ação destes produtos do espírito, mas é também praticada nas relações profissionais entre diferentes povos e nas relações diplomáticas de governos independentes entre si, nas quais cada um costuma falar ao outro somente em sua própria língua, quando querem manter-se em estreita igualdade, sem se servirem de uma língua morta.

Com três traduções chega-se a conclusões mesmo desconhecendo o original. Quem quiser incluir o original na avaliação, aqui segue o texto de Schleiermacher:

Die Thatsache, daß eine Rede aus einer Sprache in die andere übertragen wird, kommt uns unter den mannigfaltigsten Gestalten überall entgegen. Wenn auf der einen Seite dadurch Menschen in Berührung kommen können, welche ursprünglich vielleicht um den Durchmesser der Erde von einander entfernt sind; wenn in eine Sprache aufgenommen werden können die Erzeugnisse einer andern schon seit vielen Jahrhunderten erstorbenen; so dürfen wir auf der andern Seite nicht einmal über das Gebiet Einer Sprache hinausgehen, um dieselbe Erscheinung anzutreffen. Denn nicht nur daß die Mundarten verschiedener Stämme eines Volkes und die verschiedenen Entwicklungen derselben Sprache oder Mundart in verschiedenen Jahrhunderten schon in einem engeren Sinne verschiedene Sprachen sind, und nicht selten einer vollständigen Dolmetschung unter einander bedürfen; selbst Zeitgenossen, nicht durch die Mundart getrennte, nur aus verschiedenen Volksklassen, welche durch den Umgang wenig

verbunden in ihrer Bildung weit auseinander gehen, können sich öfters nur durch eine ähnliche Vermittlung verstehen. Ja sind wir nicht häufig genöthigt, uns die Rede eines andern, der ganz unseres gleichen ist aber von anderer Sinnes- und Gemüthsart, erst zu übersezen? wenn wir nämlich fühlen daß dieselben Worte in unserm Munde einen ganz andern Sinn oder wenigstens hier einen stärkeren dort einen schwächeren Gehalt haben würden als in dem seinigen, und daß, wenn wir dasselbe was er meint ausdrücken wollten, wir nach unserer Art uns ganz anderer Wörter und Wendungen bedienen würden: so scheint, indem wir uns dies Gefühl näher bestimmen, und es uns zum Gedanken wird, daß wir übersezen. Ja unsere eigenen Reden müssen wir bisweilen nach einiger Zeit übersezen, wenn wir sie uns recht wieder aneignen wollen. Und nicht nur dazu wird diese Fertigkeit geübt, um was eine Sprache im Gebiet der Wissenschaften und der redenden Künste hervorgebracht hat, in fremden Boden zu verpflanzen und dadurch den Wirkungskreis dieser Erzeugnisse des Geistes zu vergrößern; sondern sie wird auch geübt im Gewerbsverkehr zwischen einzelnen verschiedener Völker, und im diplomatischen Verkehr unabhängiger Regierungen mit einander, deren jede nur in ihrer eigenen Sprache zur andern zu reden pflegt, wenn sie, ohne sich einer todten Sprache zu bedienen, streng auf Gleichheit halten wollen.

Quarta unidade: Solução de problemas e tomada de decisão/ Aplicação aos Estudos da Tradução/Index Translationum

Traduzir é principalmente tomar e justificar decisões que vão configurar, no final das contas, o projeto de tradução.

Um exemplo é como se trata nomes em traduções. São traduzidos? São reproduzidos na língua do original? Qual é a finalidade ou da reprodução do original ou da tradução?

É fácil ilustrar a questão. Tomamos o romance *O leitor* de Bernhard Schlink. Já no segundo parágrafo temos os nomes de duas ruas: a “Blumenstrasse” e a “Bahnhofstrasse”, ou seja, a “Rua das Flores” e a “Rua da Estação”. Qual seria sua decisão: “Blumenstrasse” ou “Rua das Flores?” Na tradução de Pedro Sússekind o trecho ficou assim: “Em meu primeiro passeio andei da Blumenstrasse, na qual morávamos no segundo andar de uma casa imponente construída na virada do século, até a Bahnhofstrasse.” (10) O que vocês preferem? Talvez seja bom incluir mais um trecho uma página mais tarde onde o autor, na verdade: o tradutor, escreve iniciando o capítulo dois: “O prédio na Bahnhofstrasse não existe mais hoje.” (11) A decisão do tradutor então era de manter os nomes do original.

É igualmente fácil achar exemplos para ilustrar a prática oposta, ou seja, a tradução de nomes. O romance *Der Schachautomat* (107) de Robert Löhr nos leva para Viena:

Sie passierten das Invalidenhaus und die Trinitarierkirche, liefen zwischen Kaserne und Strafgerichtshof hindurch, dann über den Exerzierplatz vor den Mauern der Innenstadt zum Schottentor, an der Schottenkirche vorbei und zum Hohen Markt, bis sie schließlich ein Gewirr enger Gassen erreicht hatten, die Tibor an Venedig erinnerten.

A tradução (106) de André del Monte e Kristina Michahelles (*A Máquina de Xadrez*):

Eles passaram pela casa dos Inválidos e pela igreja dos Trinitários; caminharam entre a caserna e o Fórum, depois pela praça do Tiro de Guerra, ao longo dos muros do centro da cidade até o portão dos Escoceses, pela igreja dos Escoceses, até o Mercado Alto, chegando finalmente a um emaranhado de vielas que fizeram Tibor se lembrar de Veneza.

Um outro exemplo é a questão como se trata interjeições (Interjeição – “Palavra ou locução com que se exprime um sentimento de dor, de alegria, de admiração, de aplauso, de irritação, etc.” (p. 776 do Novo dicionário da língua portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 1ª edição, 13ª impressão).

Comparamos duas traduções do romance de Javier Mariás *Corazón tan Blanco*, uma para o português, outra para o alemão. O “‘Ah, natürlich (...)’” (84) do texto alemão corresponde ao “‘Ah, claro (...)’” (67) na edição brasileira. “‘Oh, das glaube ich wohl

(...)” (81) é em português “Oh, também acho (...)” (64). Outras interjeições mudam: O “Hmmm. Hmmm.” (85) em alemão virou “Hum-hum.” (68) no texto brasileiro.

“Não são as palavras que a gente precisa de traduzir. O que a gente deve traduzir são frases e textos.” É isso o que escreveu Harald Weinrich como aprendemos no início do curso. Será que isso ajuda no caso de uma relação? O mundo é cheio de listas, vejamos a seguinte lista de um folder de propaganda de um novo condomínio de luxo (em Florianópolis):

MAIS DE 20 ITENS DE LAZER

Cinema – Alamedas – Sala de reuniões – Espaço Mulher – Pet Shop – Biblioteca – Sala de trabalhos manuais – Spa – Sauna – Fitness Center – Sala de ioga/meditação – Sala de jogos – Salão de festas – Salão de festas infantil – Lan house – Espaço Gourmet – Lounge – Piscina adulto com deck molhado – Piscina adulto com raia – Piscina infantil – Parque ecológico com trilha de caminhada – Passarela ecológica para a praia Áreas de estar e contemplação

Quem quiser traduzir este texto terá que tomar inúmeras decisões.

Até agora os Estudos da Tradução em geral e no Brasil em especial ainda não estão muito focadas na questão do gênero textual do qual F. Lux, no livro de Katharina Reiß e Hans Vermeer *Grundlagen einer allgemeinen Translationstheorie*, fala: “Ein Teil der Identität eines Textes besteht in seiner Textsortenzugehörigkeit”, ou seja, “O que define a identidade de um texto vem em grande parte do gênero textual do qual ele faz parte”. Falta ainda muita pesquisa a respeito dos gêneros textuais. Pesquisas podem ser conduzidas de forma comparativa: a “novela” em espanhol é diferente da “novela” brasileira e diferente da “Novelle” em alemão.

Falta muita pesquisa a respeito das convenções dentro dos gêneros textuais. Quais são, por exemplo, as convenções de uma resenha? E de uma dissertação ou tese? O autor, a autora entra explicitamente como sujeito e na primeira pessoa do singular ou se esconde atrás da voz passiva e de uma forma do plural duvidosa?

É importante delinear campos relevantes de pesquisa. Muitos gêneros textuais, o cartão postal e o folder de uma loja local, por exemplo, não são relevantes nos Estudos da Tradução pelo simples fato que eles não são traduzidos. Outros gêneros, sim, são traduzidos com frequência. Um interessante campo de pesquisa seria o gênero textual “auto-apresentação institucional”. Delimitando o gênero um pouco mais proponhamos a “auto-apresentação institucional em páginas da internet” e já podemos arriscar a hipótese que na maioria dos casos a auto-apresentação traduzida, do português para o inglês por exemplo, traz as mesmas informações do original, ignorando assim necessidades provavelmente muito diferentes de leitores de outras culturas. Exemplo? A página de uma universidade federal informa não somente as leis que determinaram a instituição da faculdade mas também o primeiro dia do funcionamento de cada centro – além do espaço construído em metros quadrados. Tudo isso pode ser interessante para o leitor local, para o historiador; muito provavelmente não o é para um leitor de fora do país que quer se informar sobre a possibilidade de se inscrever em um curso desta universidade.

Pesquisas nesta área podem dar resultados práticos no sentido de melhorar traduções existentes.

Comparamos um texto que faz parte de uma apresentação empresarial; trata-se de um texto na página da companhia aérea TAM sobre sustentabilidade. Os dois textos encontram-se no endereço <http://tam.riweb.com.br/default.aspx>

A TAM tem um senso muito claro das suas obrigações sociais e das relações com a comunidade. Além de cumprir com seus deveres legais e estar rigorosamente em dia com suas obrigações, a empresa preza por agir de forma exemplar no relacionamento com a sociedade, tendo como prática de gestão aspectos relacionados à ética e a transparência para com todos os públicos com os quais se relaciona.

Preocupada com a manutenção dos princípios que sempre nortearam o desenvolvimento da empresa, a TAM mantém uma política de responsabilidade social, baseada em duas vertentes: ações externas (através de investimento social, doações e realização de parcerias com algumas das principais instituições ligadas ao Terceiro Setor) e ações internas (direcionadas aos seus colaboradores).

Dada a sua importância, atualmente encontra-se num processo de inserção da sustentabilidade no plano estratégico da empresa abrangendo os aspectos econômico, social e ambiental e considerando todos os seus stakeholders (clientes, fornecedores, meio ambiente, governo e sociedade, público interno e comunidade).

As áreas de Sustentabilidade e de Meio-Ambiente foram recentemente constituídas na TAM, subordinadas à Vice-Presidência de Gestão de Pessoas e Conhecimento, assim como um Comitê Executivo de Sustentabilidade - do qual faz parte o próprio CEO -, o qual terá como responsabilidades principais validar ações que assegurem a incorporação dos aspectos de sustentabilidade socioambiental às práticas de gestão da companhia.

*Vice-Presidência de Gestão de Pessoas e Conhecimento
Gerência de Sustentabilidade e Gestão da Cultura*

TAM has a very clear notion of its social obligations and its relations with society. Besides complying with its legal duties and being rigorously up-to-date with its obligations, the company is committed to setting an example in its relationship with society, and its management practices include aspects such as ethics and transparency towards its stakeholders.

Concerned with the maintenance of principles guiding the company's development, TAM maintains a twofold social responsibility policy, with external actions (through social investment, donations, and execution of partnerships with some of the main institutions of the Third Sector) and internal actions (targeted at its employees).

The company is currently going through a restructuring process, aiming at including social responsibility and the concept of sustainability in its strategic plan, encompassing economic, social and environmental aspects, and taking into account all its stakeholders (clients, the environment, the government and society, its internal public, and the community).

The Sustainability and Environment areas have been recently created at TAM, reporting to the Vice-Presidency of Knowledge and People Management. An Executive Committee on Sustainability has also been created, of which the CEO is a member, and shall have the main responsibilities of validating actions to ensure the inclusion of socio-environmental sustainability aspects to the managerial practices of the Company.

*Vice-Presidency of Knowledge and People Management
Sustainability and Culture Management*

Uma análise mostra que temos uma relação 1:1 entre original e tradução. O que significa isso se nos sabemos que o texto em inglês dirige-se a uma clientela culturalmente diferente daquela que lê o texto em português?

Uma pesquisa interessante seria a interface de gênero (*gender*) e gêneros (*genres*), ou seja, a questão do impacto do sexo do tradutor e do intérprete sobre a tradução, a interpretação. Até agora sabemos pouco sobre o assunto: Será que um homem pode, sabe traduzir um romance escrito por uma mulher? E vice-versa? Uma palestra em português proferida por um palestrante tem que ser interpretada por um intérprete homem de Libras? São questões absurdas? Parece que não; ao menos algumas pistas encontram-se na literatura. Umberto Eco (2007: 16): “Nunca traduzi textos escritos por uma mulher (...) e não sei que problemas teria.” Ele informa a bibliografia de um livro em italiano sobre gêneros e a diferença de sexo, Cristina Demaria: *Genere e differenza sessuale. Aspetti semiotici della teoria femminista*. Milão: Bompiani.

O livro aqui citado de Umberto Eco chama-se , na versão brasileira, “Quase a mesma coisa – Experiências de tradução” (Editora Record 2007). O título original é “Dire quase la stessa cosa” (Editora Bompiani 2003). A edição alemã, no entanto, tem um título um pouco diferente: “Quase dasselbe mit anderen Worten” (Carl Hanser Verlag 2006), ou seja, “Quase a mesma coisa em outras palavras”.

Isso já seria mais um assunto interessante de várias pesquisas: os títulos de romances em comparação com os títulos de suas traduções. O caso “normal” deve ser a identidade: “O crime do Padre Amaro” de José Maria Eça de Queiroz chama-se em alemão “Das Verbrechen des Paters Amaro” o que significa “O crime do Padre Amaro”. Deve ter uma séria de traduções com pequenas mudanças; muitas vezes, provavelmente, são os nomes que precisam de uma certa adaptação fonética. Mas: temos exemplos de diferenças enormes entre o título original e o título da tradução. Um destes casos é um romance de Thomas Brussig, autor alemão, intitulado “Am kürzeren Ende der Sonnenallee” (algo como “No trecho mais curto da Alameda do Sol”) cuja edição brasileira se chama “O charuto apagado de Churchill”.

Mais uma área de pesquisa seria o ambiente de teatro e ópera. Como deve ser uma tradução-interpretação (em Libras, por exemplo) de um espetáculo teatral para que possamos falar de uma interpretação bem-sucedida? Como deve ser a cooperação entre os responsáveis pela apresentação e os intérpretes? Uma primeira análise a respeito do assunto vem da Universidade de Viena/Áustria com uma tese de doutorado: Fabienne Hörmanseder pesquisou e escreveu sobre “Text und Publikum” (“Texto e público”), livro que foi lançado na editora Stauffenburg Verlag Brigitte Narr em 2008.

A maior instituição internacional que se preocupa com tradução e com traduções é a UNESCO (*United Nations Education, Science and Culture Organization*) em Paris. O *Index Translationum* é um banco de dados que tem como finalidade o registro do número máximo possível de traduções no mundo. Colabora com as Bibliotecas Nacionais dos países membros da ONU e atualmente possui os dados de mais de um milhão de traduções em mais de 600 línguas. (Ainda não existe nenhuma língua de sinais nas duas relações do sistema de procura [língua fonte e língua de chegada] o que deve ser uma questão de pouco tempo. A final, a instituição se apresenta explicitamente a favor da diversidade lingüística.

Os números do *Index Translationum* não são exatos e refletem a qualidade da cooperação dos parceiros internacionais. Na verdade, o que parece uma instituição imponente é um escritório com duas pessoas trabalhando, Mauro Rosi e Mariusz Tukaj, que processam com grande entusiasmo as traduções deste planeta.

No banco de dados do *Index Translationum* pode-se pesquisar e pegar informações a partir dos mais variados critérios. O endereço:

<http://databases.unesco.org/xtrans/xtra-form.shtml>

O número total de traduções processadas no *Index Translationum* na rubrica “target language: Portuguese”/”country: Brazil”): 49.746. (Situação: abril de 2009)

Algumas das áreas:

Filosofia/psicologia	6.029 traduções
Religião/teologia	6.469 traduções
Direito, Ciências sociais	4.784 traduções
Ciências exatas	1.225 traduções
Ciências aplicadas	7.741 traduções
Artes, Jogos, esporte	1.355 traduções
Literature	17.707 traduções
História, Geografia	3.192 traduções

Na lista “TOP 50” Country o *Index Translationum* informa o ranking dos países que mais traduzem. Achemos Alemanha (com um total registrado de 240.000 traduções) em primeiro lugar, seguem Espanha, França, Japão, União Soviética (até 1991), Países Baixos, Polônia, Dinamarca, Itália e, em décimo lugar, o Brasil (com 51.000 traduções contadas).

Numa outra estatística o *Index Translationum* relata as línguas dos originais. O inglês ocupa o primeiro lugar com mais do que 1 milhão de títulos, o francês já com muito menos (186.000) em segundo lugar; seguem alemão, russo, italiano, espanhol, sueco, latim, dinamarquês, holandês. O português em 18º lugar abrange não somente o português do Brasil mas o português no mundo com um total de 9.581 obras originais traduzidas para outros idiomas.

A terceira tabela do Index comprova a relevância das traduções para os países de língua portuguesa. Português vem em sétimo lugar quando a questão é a língua de chegada da tradução. São 71.000 traduções para o português (mundial); o português, neste sentido, somente perde na comparação com o alemão, o espanhol, o francês, o japonês, o inglês e o holandês; é mais forte do que o polonês, o russo, o italiano, o húngaro.

Bibliografia

Adamzik, Kirsten/Krause, Wolf-Dieter (org./2005). *Text-Arbeiten – Textsorten im fremd-und muttersprachlichen Unterricht an Schule und Hochschule*. Tübingen: Gunter Narr Verlag.

Arrojo, Rosemary (2002). *Ofocina de Tradução. A teoria na prática*. São Paulo: editora ática.

Britto, Paulo Henriques: “Desconstruir para quê?” In: *Cadernos da Tradução VIII (2001/2)*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina/Núcleo de Tradução, pp. 41-50.

Chesterman, Andrew (1997). *Memes of translation. The spread of ideas in translation theory*. Amsterdam: Benjamins Translation Library.

Conselho da Europa (2001). *Quadro europeu comum de referência para as línguas. Aprendizagem, ensino, avaliação*. Lisboa/Portugal: Edições ASA.

Humboldt, Wilhelm von (2006). *Linguagem Literatura Bildung*. Org. por Werner Heidermann e Markus J. Weininger. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução.

Kußmaul, Paul/Hönig, Hans G.: „Einblicke in mentale Prozesse beim Übersetzen“. In: Mary Snell-Hornby/Hans G. Hönig/Paul Kußmaul/Peter A. Schmitt (orgs.): *Handbuch Translation. Zweite, verbesserte Auflage*. Tübingen: Stauffenburg.

Magalhães Jr., Ewandro (2007). *Sua majestade, o intérprete – O fascinante mundo da tradução simultânea*. São Paulo: Parábola Editorial.

Platão: *Diálogos – Crátilo*. Tradução direta do grego de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editoria Universitária da Universidade Federal de Pará, 2001 (3ª edição).

Reiß, Katharina (1971). *Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik*. München: Max Hueber Verlag.

Reiß, Katharina/Vermeer, Hans (1984/1991). *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

Rodrigues, Cássio: “A Abordagem Processual nos Estudos da Tradução: uma meta-análise qualitativa”. *Cadernos de Tradução X*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina/Núcleo de Tradução, pp. 23-57.

Weininger, Markus J. “Estrela guia ou utopia inalcançável – Uma breve reflexão sobre a equivalência na tradução”. In: Maurício Cardozo/Werner Heidermann/Markus J. Weininger (eds.): *A Escola Tradutológica de Leipzig*. Volume 50 da série *Studien zur romanischen Sprachwissenschaft und interkulturellen Kommunikation*. Frankfurt am

Main/Alemanha: Peter Lang Internationaler Verlag der Wissenschaften, 2009, pp. XIX-XXVIII.)

Weinrich, Harald (1965/2000). Die Linguistik der Lüge. München: Verlag C. H. Beck.

Schlegel, August Wilhelm von (1826/2001). Sobre a Bhagavad-Gita. Traduzido por Maria Aparecida Barbosa. In: Werner Heidermann (org.): Clássicos da teoria da tradução. Volume 1: alemão-português. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina/Núcleo de Tradução, pp. 107-113.

Schleiermacher, Friedrich (1813/2001). Sobre os diferentes métodos de tradução. Traduzido por Margarete von Mühlen Poll. In: Werner Heidermann (org.): Clássicos da teoria da tradução. Volume 1: alemão-português. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina/Núcleo de Tradução, pp. 25-87.

Steiner, George (2005). Depois de Babel. Traduzido por Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná.

Páginas da internet (acesso janeiro-abril de 2009)

Universidade Genebra/Gêneros textuais

<http://www.unige.ch/lettres/alman/akt/aktbibl.html>

TAM Linhas Aéreas Marília

<http://tam.riweb.com.br/default.aspx>

Index Translationum

<http://databases.unesco.org/xtrans/xtra-form.shtml>

Museu da língua portuguesa

<http://www.museulinguaportuguesa.org.br>

Anexo 1:

Manifesto dos intérpretes do Brasil – Carta de Brasília

(em: Ewandro Magalhães Jr. [2007]: Sua majestade, o intérprete – O fascinante mundo da tradução simultânea, São Paulo: Parábola Editorial, PP. 223-228).

Manifesto dos intérpretes do Brasil

Carta de Brasília

Introdução

A interpretação (tradução) simultânea é um ofício relativamente novo, surgido no pós-guerra e ainda carente, na maioria dos países, de regulamentação e balizamento profissional e ético. É grande a desinformação do público e dos próprios intérpretes e potenciais intérpretes quanto a atributos, desafios, exigências, virtudes, limitações, dificuldades e oportunidades inerentes à interpretação. Pouco se conhece, também, sobre a responsabilidade envolvida na prestação de um serviço de interpretação, onde o cliente, por vezes, encontra-se em situação de cega dependência em relação ao provedor. São muitas as implicações éticas de uma tal relação.

A globalização e o rápido avanço das telecomunicações e meios de transporte têm aumentado o intercâmbio entre cidadãos, organizações e governos de diferentes povos e culturas. Nunca foi tão grande a necessidade por bons serviços de interpretação. Contudo, verifica-se no mercado uma desnecessária elitização e mistificação do ofício. Nesse contexto, os novos intérpretes e potenciais intérpretes encontram um ambiente hostil, de patrulhamento, rivalidade e concorrência, no qual somente a custo logram penetrar.

Na opinião de grande parte dos profissionais intérpretes em atuação no Brasil, o atual modelo associativo vigente no país para a categoria afigura-se excludente e elitista, além de representativo apenas de uma minoria com presença marcadamente concentrada no eixo Rio-São Paulo.

Por todos esses motivos, os intérpretes do Brasil reunidos em Brasília em 23 de abril e 28 de junho de 2003, após ampla discussão e consulta a colegas de todo o Brasil,

Resolvem:

Criar uma nova associação representativa dos intérpretes em atuação no Brasil, de abrangência e representatividade nacionais, sob a designação democraticamente adotada de AIB – Associação dos Intérpretes do Brasil, que se pautará por princípios de inclusão, cooperação, solidariedade,

transparência, objetividade e não-favorecimento e que terá, entre outros, os seguintes objetivos básicos:

- 1. Defender os interesses gerais dos intérpretes em atuação no Brasil;*
- 2. Zelar pela manutenção e disseminação dos avanços conquistados no passado relativamente à melhoria das condições de trabalho, porém sem perder de vista a flexibilidade exigida pelos novos relacionamentos profissionais e tendências de mercado;*
- 3. Valorizar e disseminar a importância de serviços de interpretação de qualidade, valorizando, por extensão, a figura do profissional intérprete;*
- 4. Conscientizar os provedores de serviço de interpretação (autônomos e agências) quanto à responsabilidade técnica, civil, penal, e ética que lhes cabe relativamente a tais serviços e perante os clientes que os solicitam;*
- 5. Informar e educar o público em geral sobre o ofício da interpretação em suas diversas modalidades (simultânea, consecutiva, sussurrada, telefônica e outras), alinhando expectativas, apresentando fatos e desfazendo mitos;*
- 6. Acolher todo e qualquer profissional com interesse em interpretação simultânea, seja ele intérprete profissional, tradutor, estudante, provedor ocasional ou curioso, a fim de dar-lhe acesso a informações objetivas e imparciais com respeito a atributos, desafios, exigências, virtudes, limitações, dificuldades e oportunidades inerentes ao ofício da interpretação;*
- 7. Acolher, além de intérpretes autônomos, também pessoas jurídicas (cooperativas e agências) provedoras de serviços de interpretação;*
- 8. Divulgar aos membros, regularmente, informações quanto a oportunidade de formação e estágio profissional de qualidade, bem como outras, necessárias à orientação de quem deseje tornar-se intérprete, a fim de democraticamente promover a chegada de bons profissionais ao mercado;*
- 9. Criar um programa de certificação profissional que classifique os membros segundo o nível de qualidade evidenciado por sua experiência acumulada e/ou desempenho profissional, por meio de um sistema de avaliação colegiada que seja rigoroso, justo, transparente e objetivo, julgando exclusivamente o mérito profissional dos candidatos;*
- 10. Favorecer o intercâmbio entre profissionais intérpretes de todo o Brasil, pela criação de fóruns e listas de discussão sobre temas de interesse*

comum, bem como favorecendo a troca direta de informações entre membros e a disponibilidade de informações de acesso público na Internet para esclarecimento de membros e potenciais membros;

- 11. Orientar os membros quanto à média dos preços e as condições de trabalho praticadas nos diferentes mercados regionais e sub-regionais, sem ingerência na liberdade dos provedores de negociarem livremente os preços e condições relativas à contratação de seus serviços;*
- 12. Estabelecer um ou mais escritórios de representação ou membros-representantes em cada uma das regiões do país, a fim de garantir à associação representatividade e penetração em todo o território nacional;*
- 13. Realizar, periodicamente, seminários, encontros, pesquisas e tudo o que possa contribuir para o entrosamento, o esclarecimento, o desenvolvimento, a atualização e a informação dos membros em relação ao ofício da interpretação;*
- 14. Instituir e fazer valer um Código de ética e Conduta Profissional que estabeleça com clareza os comportamentos desejáveis e aqueles intoleráveis entre membros, e entre estes e não-membros e/ou clientes, com previsão de sanções gradativas e objetivas para coibição de abusos;*
- 15. Instituir um Conselho Nacional de Ética na Interpretação, que zelará pelo cumprimento do Código de Ética e Conduta Profissional e que cuidará de receber, apreciar e julgar notificações de eventuais abusos e desrespeito ao Código.*

Os intérpretes que subscrevem este Manifesto, presencialmente ou por meio de adesão manifestada ‘eletronicamente’, entendem estar dando um importante passo na configuração de um ambiente mais saudável e profissionalmente mais responsável para o avanço da interpretação no Brasil.

Com este Manifesto, e com a nova Associação, querem seus proponentes contribuir para a criação de um ambiente inclusivo, que promova a chegada de novos talentos ao mercado, em benefício da categoria e também dos usuários de nossos serviços. Este Manifesto pretende ser o marco de uma nova atitude, de solidariedade e cooperação, fundada na visão de um universo de potencialidades ilimitadas, onde o crescimento é uma consequência de nossa capacidade inerente de partilhar informações e oportunidades, sem medo ou rivalidade, e dentro do mais puro espírito de responsabilidade ética coletiva, na busca de interesses também individuais.

Brasília, 28 de junho de 2003.

Anexo 2

Javier Marías: Coração tão branco

(São Paulo: Martins Fontes, 1995, tradução de Eduardo Brandão, pp. 49-71, 4º capítulo.)

Segue a primeira parte do capítulo:

Tinha conhecido Luisa quase um ano antes no exercício do meu trabalho, de uma maneira um pouco cômica e também um pouco solene. Como já disse, ambos nos dedicamos sobretudo a ser tradutores ou intérpretes (para ganhar dinheiro), eu mais que ela ou com maior constância, o que não quer dizer de modo nenhum que eu seja mais competente, ao contrário, ela é mais, ou pelo menos assim foi julgado na ocasião de nosso conhecimento, ou foi julgado que ela era mais fiável em conjunto.

Por sorte não nos limitamos a prestar nossos serviços nas sessões e escritórios dos organismos internacionais. Embora isso ofereça a comodidade incomparável de na realidade só se trabalhar a metade do ano (dois meses em Londres ou Genebra ou Roma ou Nova York ou Viena ou até Bruxelas, depois dois meses de descanso em casa, para voltar outros dois ou menos aos mesmos lugares ou mesmo a Bruxelas), a tarefa de tradutor ou intérprete de discursos e relatórios é das mais enfadonhas, tanto pelo jargão idêntico e no fundo incompreensível que sem exceção empregam todos os parlamentares, delegados, ministros, governantes, deputados, embaixadores, especialistas e representantes em geral de todas as nações do mundo, quanto pela índole invariavelmente letárgica de todos os seus discursos, apelos, protestos, exortações e informes. Alguém que não tenha praticado esse ofício pode pensar que deve ser divertido ou pelo menos interessante e variado, mais ainda, pode chegar a pensar que em certo sentido está no meio das decisões do mundo e recebe em primeira mão uma informação completíssima e privilegiada, informação sobre todos os aspectos da vida dos diferentes povos, informação política e urbanística, agrícola e armamentista, pecuária e eclesiástica, física e lingüística, militar e olímpica, policial e turística, química e publicitária, sexual e televisiva e virológica, desportiva e bancária e automobilística, hidráulica e polemologista e ecologista e costumista. É verdade que ao longo da minha vida traduzi discursos ou textos de toda sorte de personagens sobre os temas mais inesperados (no começo de minha carreira chegaram a estar em minha boca as palavras póstumas do arcebispo Makarios, para citar alguém infreqüente), e fui capaz de repetir em minha língua, ou em outra das que entendo e falo, longas perorações sobre temas tão absorventes quanto as formas de irrigação na Sumatra ou as populações marginais da Suazilândia e de Burkina (antes Burkina Fasso, capital Uagadugu), que vão muito mal como em toda parte; reproduzi complicados raciocínios acerca da conveniência ou da humilhação de instruir sexualmente as crianças em dialeto vêneto; sobre a rentabilidade de continuar financiando as tão mortíferas e caras armas da fábrica sul-africana Armscor, já que em teoria não podiam ser exportadas; sobre as possibilidades de edificar mais uma réplica do Kremlin em

Burundi ou Malawi, creio (capitais Bujumbura e Zomba); sobre a necessidade de destacar de nossa península o reino inteiro de Levante (incluindo Murcia) para transformá-lo em ilha e evitar assim as chuvas torrenciais e inundações de todos os anos, que oneram nosso orçamento; sobre o mal-do-mármore em Parma, sobre a expansão do Aids nas ilhas Tristão da Cunha, sobre as estruturas futebolísticas dos Emirados Árabes, sobre o baixo moral das forças navais búlgaras e sobre uma estranha proibição de enterrar os mortos, que se amontoavam fedorentamente num descampado, sobrevinda faz uns anos em Londonderry por arbítrio de um prefeito que acabou sendo deposto. Tudo isso e ainda mais eu traduzi e transmiti e repeti religiosamente conforme os outros iam dizendo, especialistas e cientistas e luminares e sábios de todas as disciplinas e dos mais distantes países, gente insólita, gente exótica, gente erudita e gente eminente, prêmios Nobel e catedráticos de Oxford e Harvard que mandavam relatórios sobre as questões mais imprevistas encomendados a eles por seus governantes ou pelos representantes dos governantes ou pelos delegados dos representantes ou seus substitutos.

O caso é que nesses organismos a única coisa que na verdade funciona são as traduções, mais ainda, há neles uma verdadeira febre trasladatória, uma tanto doentia, um tanto malsã, pois qualquer palavra que se pronuncie neles (em sessão ou assembléia) e qualquer papelório que lhes seja enviado, trate do que tratar e esteja em princípio destinado a quem estiver ou seja qual for o seu objetivo (inclusive se for secreto), é imediatamente traduzido para várias línguas por via das dúvidas. Os tradutores e intérpretes traduzem e interpretam continuamente, sem discriminação e quase sem descanso

Quer ler o livro na íntegra? É fácil achar o livro (usado) em sebos virtuais. Dica: www.estantevirtual.com.br. Deve custar a partir de 10 Reais.